

Aramis, Molina e Rodin: três personagens marcantes

Prof. Dr. José Antonio Andrade de Araujo¹ (UFF)

Resumo:

A personagem de Aramis, em O Visconde de Bragelonne (Le Vicomte de Bragelonne), de Alexandre Dumas, a de Molina, em As minas de prata, de José de Alencar, e a de Rodin, em O judeu errante (Le juif errant), de Eugène Sue, têm em comum o fato de serem jesuítas. Criadas no século XIX, as três personagens jesuítas assumem, nos respectivos romances, uma posição de destaque, devido ao seu comportamento. Esses romances mostram a articulação entre a literatura e a história, uma vez que foram publicados entre 1844 e 1865, período em que a Companhia de Jesus estava em processo de restauração na França e no Brasil.

Palavras-chave: Romance histórico, dialogismo

Introdução

O leitor dos três longos romances **O judeu errante** (1114 páginas), **O Visconde de Bragelonne** (1710 páginas) e **As minas de prata** (1013 páginas) constata em cada um deles a presença de uma personagem marcante pelo seu comportamento ardiloso, trapaceiro, intrigante e cruel. Essas personagens são, respectivamente, os jesuítas **Rodin**, **Aramis** e **Molina** que apesar de todo o empenho e dos meios escabrosos que empregam não conseguem alcançar os seus sórdidos objetivos. Seria uma coincidência?

1 O judeu errante

O romance *Le juif errant* (**O judeu errante**) de Eugène Sue (1983) foi publicado inicialmente sob a forma de folhetins, entre 25 de junho de 1844 e 12 de julho de 1845, no jornal *Le Constitutionnel*, e depois reunidos num livro publicado em 1848.

O folhetim e o romance de Sue fizeram grande sucesso na época devido, em parte, ao fato de algumas personagens retratarem pessoas comuns, da classe operária, e abordar os seus problemas. Eis alguns dos problemas abordados por Eugène Sue: o baixo salário das trabalhadoras (SUE, 1983, p. 185), facilidade de se internar uma pessoa num hospício sem controle do Estado (SUE, 1983, p. 305), a prisão de um trabalhador e a sua dificuldade para pagar fiança com o seu baixo salário (SUE, 1983, p. 315-317), baixos salários e degradação do trabalhador (SUE, 1983, p. 378-379), crítica aos conventos e aos hospícios (SUE, 1983, p. 610), necessidade de moradias coletivas de boa qualidade e baixo custo para os trabalhadores (SUE, 1983, p. 690), direito do trabalhador à participação nos benefícios do seu trabalho (SUE, 1983, p. 691), responsabilidade social no suicídio de trabalhadoras (SUE, 1983, p. 864), miséria homicida, prostituição ou suicídio — as escolhas da mulher trabalhadora da época (SUE, 1983, p. 865), baixa remuneração das mulheres trabalhadoras (SUE, 1983, p. 866).

Eugène Sue conta a história dos ardis e intrigas elaborados pela personagem do jesuíta Rodin¹ para obter a imensa herança da família Rennepont em favor da Companhia de Jesus. A trama se desenrola em Paris, em 1832, envolvendo os sete herdeiros da família Rennepont que seriam os últimos descendentes da irmã do judeu errante que, segundo a lenda, fora amaldiçoado por deus por

¹ Rodin lembra o sobrenome do Geral dos jesuítas daquela época: Jan-Philip Roothaan.

não ter permitido que Jesus Cristo descansasse na porta de sua casa durante o percurso, carregando a cruz, para o monte Calvário.

O narrador de **O judeu errante** descreve Rodin como um homem de cinquenta anos, cabelos grisalhos, fronte calva, os olhos com as pálpebras superiores flácidas e caídas escondendo pela metade seus olhos vivos e negros, como a membrana que fecha parcialmente os olhos dos répteis. Seus lábios finos eram incolores e se confundiam com a tonalidade pálida de seu rosto magro com o nariz e o queixo pontudos. Uma máscara lívida, sem lábios, que parecia um cadáver. Além disso, andava mal vestido (SUE, 1983, p.100).

A ambição de Rodin era muito grande e aparece várias vezes ao longo do romance como, por exemplo, na descrição da forma como ele abraça o globo terrestre (SUE, 1983, p.113), ou quando os seus projetos secretos são revelados ao leitor: o sucesso na obtenção da herança dos Rennepont para a Companhia de Jesus o levaria ao cargo de Geral² da ordem, depois, através de outras maquinações, alcançaria o trono pontífico (SUE, 1983, p.836).

As intrigas de Rodin resultam na morte de seis dos sete herdeiros Rennepont. O herdeiro e industrial Hardy perde o pai, a mulher e sua fábrica. Passa então a viver numa residência jesuíta onde recebe uma medicação depressiva que o leva à morte. A epidemia de cólera, que grassou em Paris em 1832, entra na história como uma auxiliar de Rodin para eliminar três dos herdeiros da fortuna: Jacques Rennepont e as jovens gêmeas Rose e Blanche. O principal par romântico, os primos e herdeiros, Adrienne Cardoville de Rennepont e o príncipe Djalma morrem devido a um ardil de Rodin. O príncipe Djalma após ter sido convencido de que Adrienne o traía com o jovem Agricol, os ataca com um punhal e acredita tê-los matado. A jovem morta, entretanto não era Adrienne e Agricol fora apenas ferido. Sem saber disso, o príncipe Djalma vai até a casa de Adrienne, entra em seu quarto, bebe um veneno e deita-se na cama de sua amada, aguardando a morte. Quando Adrienne entra no quarto e ele descobre o seu engano já era tarde. Adrienne decide compartilhar o destino de seu amado e bebe o que resta do veneno. Horas depois os amantes são encontrados mortos no leito nupcial. O único herdeiro sobrevivente é Gabriel de Rennepont que era jesuíta e havia doado a sua parte da herança para a Companhia de Jesus.

No fim do romance, Rodin tem uma dupla surpresa na hora de tomar posse da herança. O executor do testamento, o velho judeu Samuel, mostra os corpos dos seis herdeiros Rennepont mortos em função das intrigas de Rodin. Em seguida, Samuel aciona um mecanismo da caixa que continha os títulos ao portador da imensa fortuna, que são queimados. Naquele momento, Rodin começa a sentir os efeitos do envenenamento a que fora anteriormente submetido e morre lentamente frente aos corpos de suas vítimas.

2 O Visconde de Bragelonne

Três meses antes de Eugène Sue começar a publicar o folhetim **O judeu errante** no jornal *Le Constitutionnel*, Alexandre Dumas iniciava a publicação no jornal *Le Siècle* do folhetim *Trois Mousquetaires* (**Os três mosqueteiros**). No ano seguinte, em 1845, Dumas publicou, no mesmo jornal, um folhetim com a continuação de **Os três mosqueteiros** intitulado *Vingt ans après* (**Vinte anos depois**). Dois anos depois, em 20 de outubro de 1847, Dumas iniciou a publicação, ainda no *Le Siècle*, do longo folhetim *Le Vicomte de Bragelonne* (**O Visconde de Bragelonne**), até 12 de janeiro de 1850. O romance **O Visconde de Bragelonne** foi publicado, em 26 volumes, entre 1848 e 1850.

O romance **O Visconde de Bragelonne** passado na França, entre os anos de 1660 e 1673, durante o reinado de Luis XIV, apresenta os mosqueteiros na sua maturidade e velhice. Dos quatro mosqueteiros apenas D'Artagnan continua na ativa, como chefe da guarda do rei, Athos e Porthos já haviam se aposentado como mosqueteiros e Aramis aparece como padre jesuíta e bispo de Vannes.

² Geral era o cargo mais alto da hierarquia da Companhia de Jesus.

Nos últimos capítulos do longo do romance, Dumas matou as personagens principais começando pelo forte e generoso mosqueteiro Porthos que morreu soterrado por uma pesada pedra após uma explosão numa caverna. Fato curioso sobre esse capítulo do folhetim é que o filho de Alexandre Dumas encontrou o pai chorando e perguntou o motivo. Ele respondeu: — Porthos morreu!

Em sequência, Dumas revelou a morte de Raul, o Visconde de Bragelonne, filho do mosqueteiro Athos. Raul era apaixonado pela jovem La Valliere que foi seduzida pelo rei Luis XIV e passou a ser sua amante. Desiludido, Raul partiu com uma expedição militar para África onde morreu em batalha. Seu pai, Athos, doente com a partida do filho, morreu ao receber a notícia da morte do filho um pouco antes da chegada do caixão com o corpo de Raul à sua propriedade. Pai e filho foram enterrados juntos.

No último capítulo do romance, o leal mosqueteiro D'Artagnan comandava o exército francês na guerra contra os Países Baixos, em 1673, quando, durante uma batalha, recebeu a notícia de sua sonhada promoção a Marechal. Momentos depois D'Artagnan foi atingido por estilhaços de uma bala de canhão e morreu.

A única personagem principal sobrevivente é a do ex-mosqueteiro Aramis, que o narrador descreve como “uma figura pálida e nobre, de cabelos pretos entremeados de fios de prata, boca fina e circunspecta, queixo saliente e anguloso” (DUMAS, 1954, v. 2, p. 145). D'Artagnan ao apresentar Aramis ao rei Luis XIV disse: “sob as vestes deste padre, Sire, esconde-se o mais brilhante oficial, o mais destemido fidalgo, o teólogo mais sábio do reino de Vossa Majestade” (DUMAS, 1954, v. 4, p. 104). Em outro capítulo, D'Artagnan afirma

pensava no gênio prodigioso de Aramis, gênio de astúcia e de intriga, como outros dois que haviam produzido a Fronda³ e a guerra civil. Soldado, padre e diplomata; galante, ávido e astuto, Aramis nunca aceitara as coisas boas da vida senão como degraus de onde se elevasse às más. Espírito generoso, coração de escol, nunca praticara o mal senão para brilhar um pouco mais. (DUMAS, 1954, v. 6, p. 102)

Alexandre Dumas revela a ambição de Aramis quando ele elabora o plano para substituir o rei Luis XIV por seu irmão gêmeo, o prisioneiro da máscara de ferro. Numa entrevista com o homem da máscara de ferro, na prisão da Bastilha, Aramis promete torná-lo rei, mas sob seu controle: “se fosseis servido deixar-vos guiar por mim, e se consentísseis em tornar-vos o mais poderoso príncipe da terra, serviríeis aos interesses de todos os amigos que consagro ao bom êxito da nossa causa, e esses amigos são numerosos.” (DUMAS, 1954, v. 5, p. 177). Em outra entrevista com o homem da máscara de ferro, Aramis revela suas ambições: deseja o cargo de Cardeal e depois o de Papa.

Eu lhe terei dado o trono de França, Vossa Alteza me dará o trono de São Pedro. Quando a mão leal, firme e armada de Vossa Alteza tiver por irmã a mão de um papa como eu, nem Carlos Quinto, que possui os dois terços do mundo, nem Carlos Magno, que o possuiu inteiro, chegarão sequer à cintura de Vossa Alteza. Não tenho alianças, não tenho preconceitos, não o arrastarei à perseguição dos hereges, não lhe aconselharei guerras de família; direi: ‘Para nós dois o universo: para mim, as almas; para Vossa Alteza, os corpos’. E como morrerei primeiro, Vossa Alteza terá a minha herança. (DUMAS, 1954, v. 5, p. 240)

O plano de Aramis de substituir o rei Luis XIV pelo homem da máscara de ferro fracassou e ele foi obrigado a fugir para a Espanha. Entretanto, tempos depois retorna à França como duque d'Alameda e embaixador da Espanha. No último capítulo do romance, Aramis, como Duque

³ Levante na França contra o cardeal Mazarino e a rainha regente Ana da Áustria, durante a menoridade de Luís XIV, que desencadeou a guerra civil (1648-1653).

d'Alameda, escreve uma carta a Colbert, ministro chefe do rei Luis XIV, revelando que entregou o cargo de Geral dos jesuítas ao "R. P. Oliva"⁴, como seu sucessor provisório.

3 As minas de Prata

No início da década de 1860, José de Alencar publicou os primeiros capítulos do romance **As minas de prata**. Os nove primeiros capítulos desse romance foram publicados no volume III da coleção Biblioteca Brasileira, organizada por Quintino Bocaiúva, em 1862, complementados por dez capítulos publicados no volume V. Os demais capítulos do romance foram escritos entre o segundo semestre de 1864 e início de 1865 e a publicação integral da obra, pelo editor Garnier, ocorreu em 1865 e 1866 (ALENCAR, 1958, v. 1, p. 152-153).

O romance **As minas de prata** de José de Alencar é ambientado em Salvador (Bahia), em 1609, e conta a saga de Estácio Correia, filho de Robério Correia e neto de Moribeca, para recuperar o roteiro escrito por seu pai com a localização das Minas de Prata, descobertas por seu avô. A recuperação do roteiro e a descoberta das minas de prata serviriam para reabilitar a memória de seu pai, de quem o roteiro fora furtado, que por não conseguir indicar a localização das minas de prata fora acusado de traição ao Rei, tendo sido preso e despojado de todos os seus bens. As minas de prata serviriam também de lastro para que o jovem pudesse pedir a mão e desposar Inesita, filha de um fidalgo. No longo romance de Alencar há uma personagem que se destaca. É o padre jesuíta Gusmão de Molina, que chega ao Brasil com mandato secreto de Visitador⁵ do Brasil, em busca do roteiro da minas de prata para a Companhia de Jesus.

A ambição de Molina era obter "o segredo das minas de prata, esse pedestal que ele pretendia assentar à sua glória, e sobre o qual baseava a esperança ao generalato da Ordem, e talvez mais tarde ao pontificado" (ALENCAR, 1953, v.3, p. 882). Para isso, utilizou os mais diversos artifícios para alcançar seu objetivo, como mostramos em trabalhos anteriores (ARAUJO, 2004; 2006).

O romance de Alencar tem uma peculiaridade em relação aos dois outros romances analisados. O vilão da história, o padre Molina, era na realidade Vilarzito que na sua juventude, na Espanha, havia casado com Dulce, Dulcita, e partira para Sevilha para cumprir uma promessa para sua esposa antes de consumir o casamento. Lá chegando, Vilarzito resolve entrar para a Companhia de Jesus assumindo o nome de Gusmão de Molina em homenagem ao seu preceptor p. Gusmão da Cunha e ao teólogo Ludovico Molina. Quando Molina chega ao Brasil encontra Dulce que vivia em Salvador e também havia mudado o seu nome para Marina de Peña. Essa doce mulher quando reencontra seu marido como o padre Molina tem um choque. Procura-o, mas Molina diz que Vilarzito está morto. Depois de ter um orgasmo durante um sermão proferido pelo seu marido e padre Molina, Dulcita resolve consumir o seu casamento. Ela atrai Molina à sua casa e quando ambos estão numa alcova, um pedreiro, que ela havia contratado, ergue rapidamente uma parede vedando a única porta de acesso à alcova, assegurando seu desejo de morrer nos braços do seu amado marido padre.

Diferente dos outros dois romances analisados, os dois pares românticos deste romance de Alencar, Cristovão e Elvira e Estácio e Inesita, terminam a história juntos e felizes. O vilão da história, o padre Molina, arrepende-se de seus atos e o seu destino é o interior do Brasil, o sertão...

4 Aramis, Molina, Rodin e a história

⁴ Giovanni Paolo Olivas assumiu a direção da Companhia de Jesus como Vigário-Geral, entre 7/6/1661 e 31/7/1664, devido à doença do Geral Goswin Nickel que faleceu em 31/7/1664. A partir dessa data Olivas assumiu o cargo de Geral permanecendo até 26/11/1681 (BANGERT, 1985, p. 635).

⁵ Visitador era o segundo cargo na hierarquia da Companhia de Jesus. Era um emissário do Geral com poder maior do que o do Provincial que era o cargo mais alto de uma província ou país.

Na época em que os três romances analisados foram publicados, entre 1844 e 1865, a Companhia de Jesus estava em processo de restauração na França e no Brasil. A Companhia de Jesus foi extinta em 1773, através de bula papal, após a expulsão dos jesuítas de Portugal, em 1759, da França, em 1764, e da Espanha, em 1767 (AZEVEDO, 2004, p. 293-325). Catarina a imperatriz da Rússia, não acatou a bula papal e a Companhia de Jesus continuou a existir em seu território. Isto permitiu que a Companhia de Jesus fosse restaurada em 1814 e a partir de então tentasse se reorganizar nos países onde atuara no passado. A volta da Companhia de Jesus ao Brasil ocorreu a partir de 1843, começando pelo sul do país e subindo, gradualmente, até chegar ao estado do Rio de Janeiro com a criação do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, em 1886, e a fundação do Colégio Santo Inácio, na cidade do Rio de Janeiro, em 1905.

Na França, em 1843, a igreja católica fez uma campanha para tentar romper com o secularismo do ensino, com o retorno das escolas religiosas (BANGERT, 1985, p. 548). A reação foi grande e os jesuítas foram os principais alvos dos secularistas. As disputas de Jules Michelet e Edgar Quinet com os católicos no *Collège de France* influenciaram Eugène Sue a utilizar o folhetim **O judeu errante** para criticar os jesuítas e a Companhia de Jesus diretamente e, principalmente, através da personagem de Rodin.

Poucos anos depois, Alexandre Dumas inseriu os jesuítas na sua trama dos Mosqueteiros transformando o mosqueteiro Aramis em padre jesuíta que chega ao cargo do Geral através de um concurso, contribuindo com a crítica aos jesuítas e a Companhia de Jesus através do comportamento ardiloso de Aramis.

No Rio de Janeiro, em 1855, um artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelo padre Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, condenava a restauração da Companhia de Jesus e afirmava que os jesuítas eram discípulos de Maquiavel. A personagem do padre jesuíta Gusmão de Molina, em **As minas de prata**, de José de Alencar, serviu para reforçar a crítica aos jesuítas e ao processo de restauração da Companhia de Jesus no Brasil.

As personagens de Rodin e Molina buscam fortunas para a Companhia de Jesus da mesma forma que Aramis busca o poder de controlar o rei da França. As três personagens são extremamente ambiciosas e utilizam todos os meios para alcançar seus objetivos pessoais, realizando uma leitura fora do contexto histórico — o da formação das monarquias nacionais — no qual se insere a proposição de Maquiavel.

As personagens de Aramis, Molina e Rodin mostram ao leitor a articulação entre a literatura e a história não apenas no sentido do romance histórico em que a matéria tratada é “predominantemente de extração histórica” (BASTOS, 2007), mas, como parte de um processo dialógico dinâmico (BAKHTIN, 1999), responsivo, em que o autor utiliza um poderoso meio de comunicação com a intenção de influenciar a sociedade em que vive.

Conclusão

Alencar, com muita propriedade, afirmou no artigo, publicado em 1875, “A Propósito d’O Jesuíta”, que a história permite ao escritor criar discursos literários envolvendo fatos históricos:

O domínio da arte na história é a penumbra em que esta deixou os acontecimentos, e da qual a imaginação surge por uma admirável intuição, por uma como exumação de pretérito, a imagem da sociedade extinta. Só aí é que a arte pode criar; e que o poeta tem direito de inventar; mas o fato autêntico, não se altera sem mentir à história. (ALENCAR, 1958, v.4, p. 1013)

Assim, nos meandros da história e na penumbra dos acontecimentos, Eugène Sue, Alexandre Dumas e José de Alencar criaram discursos que dialogavam com a sua época e o passado histórico,

influenciando a sociedade em que viviam ao apresentar aos seus leitores três personagens marcantes.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. *As minas de prata*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. 3v. 1013p.
_____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958. 4v.
- ARAUJO, José Antonio Andrade de. Um roteiro para *As minas de prata*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC), IX., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2004. CD-ROM. 10p.
- _____. *O Jesuíta e As minas de prata*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC), X., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2006. CD-ROM. 11p.
- AZEVEDO, João Lúcio de. *O marquês de Pombal e a sua época*. São Paulo: Alameda, 2004. 399p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª ed, São Paulo: Hucitec, 1999. 196p.
- BANGERT, William V. *História da Companhia de Jesus*. Porto/São Paulo: Apostolado da Imprensa/Loyola, 1985. 684p.
- BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, 114p.
- DUMAS, Alexandre. *O Visconde de Bragelonne*. São Paulo: Saraiva, 1954. 6v.
_____. *Le Vicomte de Bragelonne*. Paris: Omnibus, 2005. 1710p.
- SUE, Eugène. *Le juif errant*. Paris: Robert Laffont, 1983. 1114p.

¹ Autor

José Antonio Andrade de Araujo, Prof. Dr.
Universidade Federal Fluminense
e-mail: jaaa@vm.uff.br